Tabaco, fauna e flora na Virgínia colonial do final do século XVII

Tobacco and the Wildlife of Colonial Virginia at the Close of the 17th Century

Rodrigo Canossa Barbosa

Universidade Estadual Paulista (Unesp), mestrando do Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, SP, Brasil.
rodrigo.canossa@unesp.br
https://orcid.org/0000-0002-2658-656X

Resumo: Thomas Glover foi um cirurgião inglês que, após viver alguns anos na Virgínia, publicou suas observações no periódico *Philosophical Transactions* em 1676, hoje intimamente associado à Sociedade Real de Londres, mas, na época, era apenas um projeto particular do secretário da Sociedade, Henry Oldenburg. Os escritos de Glover fornecem um rico retrato do mundo natural da Virgínia no final do século XVII, constituindo uma obra importante para a compreensão das mudanças da colônia desde sua fundação, em 1607.
Palavras-chave: Virgínia; Tabaco; Colônia.

Abstract: Thomas Glover was an English physician who, after spending a few years in Virginia, decided to publish his own observations in the Philosophical Transactions in 1676, a journal today intrinsically associated with the Royal Society of London but, at the time, nothing more than a personal project to Henry Oldenburg. The writings of Glover offer a rich portrait of Virginia's natural world at the end of the 17th century, positioning itself as an essential source for the comprehension of the changes suffered by the colony since its foundation in 1607.
Keywords: Virginia; Tobacco; Colony.

Em 20 de junho de 1676, o ainda jovem periódico *Philosophical Transactions* (PT) publicou, como parte do volume 11 de número 126, o item "An account of Virginia, its scituation, temperature, productions, Inhabitants,and their manner of planting and ordering tobacco &c. communicated by Mr. Thomas Glover, an ingenious chirurgion that hath lived some years in that country"[1], que, como evidencia o título, foi escrito pelo médico-cirurgião Thomas Glover (1647-1697) após alguns anos de estadia na colônia.

Atualmente, esse documento, de acesso público, está presente no acervo físico e digital da Sociedade Real de Londres. O escaneamento da edição referente ao texto de Glover é de boa qualidade e permitirá aos interessados denotar, dados os limites das fontes digitais, algumas características da materialidade desse documento.

O trabalho *in loco*[2] com esse documento permite-nos, contudo, trazer algumas informações sobre sua materialidade que não podem ser observadas na versão digital, sobretudo pelo fato de que no *website* da Sociedade Real cada publicação foi digitalizada e disponibilizada separadamente. A versão impressa desse documento, encadernada em couro vermelho de tamanho quarto (4to), i.e., medindo aproximadamente 17 cm × 22,5 cm, foi provavelmente compilada, no formato atual, em 1945, informação que pode ser encontrada na contracapa. Trata-se do segundo volume da PT para o ano de 1676, contendo publicações que vão de março de 1676 até janeiro de 1677[3].

O formato 4to — comum em muito periódicos ingleses da época, como a PT — é peculiar, pois, sob a licença de publicações concedida à Sociedade Real de Londres, as exigências para o periódico eram de que, todos os meses, a edição em questão deveria ser avaliada por alguns membros da organização para que fosse

Esta pesquisa foi feita no âmbito da Bolsa no País (Processo nº 2023/17991-1) e da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (Bepe) (Processo nº 2025-00369-1) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

[1] Thomas Glover. "An account of Virginia, its scituation, temperature, productions, Inhabitants, and their manner of planting and ordering tobacco &c. communicated by Mr. Thomas Glover, an ingenious chirurgion that hath lived some years in that country". *Philosophical Transactions/Royal Society*, 11 (1676), pp.623-636. Disponível em: http://doi.org/10.1098/rstl.1676.0017. Acesso em: 1 de setembro de 2025.

[2] Propiciado pela concessão de uma Bepe pela Fapesp (Processo nº 2025-00369-1).

[3] No documento, a data encontrada é 1676, porém julgamos ser um erro tipográfico, uma vez que, na primeira página da compilação, há uma inscrição à caneta informando que essa edição foi apresentada à Sociedade Real entre 1676 e 1677.

aprovada para publicação em formato *folio* de quatro páginas, algo que, na prática, não ocorreu, pois Henry Oldenburg (1618-1677) mudou o formato para adaptá-lo aos padrões de periódicos da época, além de ter mais liberdade editorial do que fora previsto, raramente referindo a PT para o escrutínio dos demais membros da Sociedade[4].

Não é possível compreender os escritos de Glover sem antes considerar o meio em que foram publicados e, para tanto, são pertinentes algumas observações sobre o caráter da PT em seus anos iniciais. Em um estudo sobre os mais de 350 anos de publicação do periódico, Aileen Fyfe e Noah Moxham[5] afirmam que, para se compreender tanto o desenvolvimento do periódico quanto a própria formação do artigo científico contemporâneo, é preciso discernir as diferentes bases sobre as quais Oldenburg fundou o periódico.

Primeiramente, afirmam que convém separar o mito de sua fundação da realidade dos objetivos de Oldenburg. Tais intenções revelam-se, desde logo, na própria nomenclatura do periódico, com *philosophical* aludindo à antiga terminologia da "filosofia da natureza" e *transactions* sugerindo o propósito de trazer à tona os mais recentes debates/transações acerca da temática. Os autores prosseguem destacando a necessidade de distanciar os objetivos da PT e seus modos de editoração das metodologias características desenvolvidas pelos avanços científicos do século XIX no Reino Unido, prevenindo, assim, que a mera criação do periódico, em 1665, contribua para a mitologia do desenvolvimento da ciência de forma anacrônica.

A própria relação entre a Sociedade Real de Londres e o periódico é, segundo os autores, superestimada: as conexões dos demais membros com o periódico eram tênues, uma vez que Oldenburg atuava com quase completa independência na sua publicação e na escolha de conteúdo. A própria classificação terminológica relativa ao conteúdo das publicações como "itens", em vez da contraparte anacrônica de "artigos", é evidência do amplo desenvolvimento dos periódicos científicos desde o século XVII, pois compreendê-los como artigos implicaria a percepção de uma estrutura particular de discurso padronizado para o manejo de informações de caráter científico, algo bem distante das cartas,

[4] Aileen Fyfe e Noah Moxham. "The first Philosophical Transactions, 1665-1677". In: Aileen Fyfe, Noah Moxham, Julie McDougall-Waters e Camilla Mørk Røstivik. *A history of scientific journals: publishing at the Royal Society, 1665-2015*. London: UCL Press, 2022, p.46.
[5] *Idem.*

notícias, rumores e tons de escrita personalista que marcaram, por muitos anos, a PT[6].

Esse grau de relativa pessoalidade, assim como a escassez de arquivos sobre os anos iniciais do periódico e de cartas pessoais de Oldenburg, impede-nos de determinar se algumas publicações eram requisitadas, pagas ou propostas[7]; sendo assim, a inferência mais segura que podemos fazer sobre Glover é a de que ele, interessado em publicar suas observações na PT — já que o periódico era reconhecido pela publicação de relatos sobre diversas partes do mundo —, tenha enviado uma cópia de seu escrito diretamente ao editor. Como não encontramos outro formato de sua publicação, é pouco provável que Oldenburg o tenha retirado de algum outro periódico — prática que lhe era comum. Além disso, dado o fato de informações adjacentes a Glover não poderem ser encontradas, como datas de morte e nascimento, educação e até mesmo as motivações de sua viagem para Virgínia e sua vida de volta à Inglaterra, é pouco provável que fosse um indivíduo cuja escrita tivesse destaque social a ponto de ser requisitado por Oldenburg.

Apesar da PT voltar-se para o mundo das letras e da ciência, os objetivos de Oldenburg eram majoritariamente financeiros, almejando elaborar um periódico que lhe concedesse boa renda, algo que pode ser visto no alto preço praticado nas edições, indício de que seu periódico era destinado a homens letrados, de estabilidade financeira, interessados pelas ciências naturais[8] e que dominavam, até certo ponto, algumas línguas do continente europeu, pois eram frequentes as publicações de itens em francês, alemão, italiano e latim[9].

É necessário também apontar as práticas editoriais de Oldenburg para que possamos compreender o trabalho feito sobre a publicação de Glover. Fyfe e Moxham reiteram que, apesar das práticas de Oldenburg — como seleção de materiais, sequenciamento, tradução, notas introdutórias etc. — certamente lembrarem as de um editor contemporâneo, o resultado e seus objetivos estão longe de se encaixarem propriamente na terminologia. Diferentemente de trabalhos editoriais contemporâneos com artigos científicos, que prezam pela invisibilidade, dando completo espaço para o autor, o trabalho de Oldenburg deixava clara

[6] *Idem*.
[7] *Idem*.
[8] *Idem*.
[9] *Idem*.

sua participação, com a PT tornando-se quase um apêndice de suas correspondências pessoais. Entretanto, se tais práticas intrusivas foram aplicadas ao relato de Glover, a não ser que se trate de um caso de censura, não pudemos discernir, uma vez que Oldenburg costumava deixar evidentes suas intromissões para o público[10].

Como os autores reiteraram, as publicações de Oldenburg privilegiavam o provisório, aquilo que ainda aguardava desfecho, as novidades referentes aos eventos e situações internacionais e às ciências naturais. O periódico era submetido a uma autoritária edição, que deixava explícita a figura do fundador do periódico — inclusive portando um alto nível de publicações em anonimato. Dessa forma, a publicação de Glover em 1676 — época em que o número de páginas da PT aumentara consideravelmente e que, sobretudo a partir de 1674, comunicações de estudos mais longos começaram a ser privilegiadas para publicação — torna-se mais compreensível, pois seu conteúdo integrava os objetivos do periódico de apresentar notícias internacionais e relatos de viagem.

Quanto à impressão e à circulação da obra, apesar do pouco contato da Sociedade Real com o periódico, Oldenburg beneficiou-se dos alvarás de impressão da Sociedade e dos contatos e contratos com tipógrafos de Londres. Os alvarás de impressão concedidos à Sociedade habilitavam a publicação de livros e documentos sem precisarem passar, previamente, pelo escrutínio de uma autoridade eclesiástica ou civil — prática que foi reforçada após 1660 com a Restauração de Carlos II (r.1660-1685) ao trono inglês. Os Atos de Licenciamento de 1662, que almejavam filtrar a circulação de informações políticas nos domínios ingleses, impuseram grande restrição aos periódicos de notícias característicos do período da Guerra dos Três Reinos (1639-1653) e do Interregno (1649-1660)[11]. Assim, a PT gozou de relativa liberdade de publicação, corroborando a segurança para assumir uma boa circulação do periódico e, consequentemente, do relato de Glover entre parte da população com poder pecuniário suficiente para pagar pelas edições de Oldenburg.

Manuela D'Amore[12] comenta sobre a mudança na estruturação de relatos de viagem que caracterizou o período da Restauração na Inglaterra, que foi marcada — constituindo o nascimento do que viria

[10] *Idem*.
[11] Manuela D'Amore. "At the root of learned travel: new science, the 'other' and imperialism in the early philosophical transactions". *Critical Survey*, 29 (2017), pp. 58-75. Disponível em: https://doi.org/10.3167/cs.2017.290204. Acesso em: 1 setembro de 2025.
[12] *Idem.*

a caracterizar a atitude iluminista do século XVIII perante a sociedade e a natureza — pela expansão e intensificação de estudos de natureza científica. Analisando essa nova tendência da *ars apodemica*, D'Amore observou como, cada vez mais, esse tipo de relato de viagem altamente minucioso ganhou espaço dentro da PT, sobretudo a partir da década de 1680.

Dessa maneira, podemos compreender Glover como um dos estreantes no periódico em relação às novas tendências para esse gênero literário. D'Amore reitera que, sobretudo para a Sociedade Real, a viagem e o ato de viajar tornaram-se intrínsecos ao novo espírito empirista da ciência nos finais do século XVII[13], e que essa atitude perante a viagem em si implicou, consequentemente, uma nova forma de escrita — apesar de ainda longe da formatação contemporânea —, marcada por jargões e organizações específicas, mas definitivamente mais minuciosa e atenta que as iterações prévias da *ars apodemica*[14].

A autora trouxe um interessante comentário sobre uma passagem presente em Glover, com referência à observação de uma criatura humanoide de aparência monstruosa que observou em um riacho[15], afirmando que, apesar das novas tendências do gênero, esses tipos de descrições sobre o "outro", sobre elementos alienígenas à natureza europeia, continuaram a popular estudos e relatos de viagem[16].

Inclusive, tal atitude, reforçada pela autora ao dialogar com os escritos de Anna Suranyi[17], foi característica no processo de formação identitária inglesa, assim como a Lenda Negra e o anti-hispanismo observados por William S. Maltby[18]. Apesar de a imprensa em geral ter florescido na Inglaterra desde a Era Isabelina, D'Amore demonstra que, no fim do século XVII, ela tomou novo fôlego e rumo com uma leva de cientistas dispostos a analisar e considerar, mesmo que com o principal intuito de refutar, formas de conhecimento provenientes de outras sociedades não europeias, dependendo, para tanto, dos relatos pormenorizados de muitos viajantes.

---

[13] *Idem.*
[14] *Idem.*
[15] Thomas Glover. "An account of Virginia..."*, op. cit.*
[16] Manuela D'Amore, "At the root of learned travel...", *op. cit.*
[17] Anna Suranyi. *The genius of the English Nation: travel writing and national identity in early modern England.* Cranbury: Associated University Presses, 2008.
[18] William S. Maltby. *The black legend in England: the development of anti-Spanish sentiment, 1558-1660.* Durham: Duke University Press, 1971.

Assim, podemos posicionar com mais precisão o discurso de Glover e sua publicação na PT, evidenciando a importância da disponibilização de tal documento no mundo lusófono, tendo em vista a amplitude de contribuições que ele pode ter para os diferentes objetivos de múltiplas áreas do conhecimento.

Por fim, quanto ao próprio autor da obra, Glover, poucas informações podem ser encontradas além do que se apresenta no próprio título de seu trabalho, a saber: que era um médico-cirurgião que viveu por alguns anos na Virgínia. Na biblioteca da Sociedade Real, tivemos acesso a toda a correspondência pessoal de Oldenburg, porém não há qualquer registro de que um dia tenha se correspondido com Glover ou, ao menos, de que esse registro tenha sobrevivido à ação do tempo. Thomas Glover foi filho de Richard Glover III (1611-1684) e Mary Booker (1615-1661), sendo seu pai um proeminente fumicultor na Virgínia, estabelecido em uma região próxima ao Rio James. Presume-se que um determinado Thomas Glover, habitante do assentamento de Jamestown, na Virgínia, entre 1664 e 1667, seja o mesmo Glover que foi publicado na PT em 1676, uma vez que as datas permitiriam tal evento[19].

Todavia, o trabalho *in loco* revelou a existência de uma versão manuscrita[20] do relato de Glover — provavelmente a versão enviada a Oldenburg para publicação —, cuja análise aprofundada exigiria um trabalho paleográfico que foge do escopo da apresentação desta tradução. Contudo, reiteramos que, no manuscrito, encontramos passagens riscadas e, na maioria dos casos, ilegíveis, constituindo evidência da escolha de Glover pela retirada de certas passagens ou, possivelmente, da ação editorial incisiva de Oldenburg, que conhecia bem as preferências e as sensibilidades de seu público. Entre algumas poucas marginalias não presentes na versão publicada na PT, ressaltamos a pequena anotação "*These observations were made and seen* [?] *by Mr. Tho. Glover chirurgion in Virginia and communicated by Phil. Hampton*". A nota é relevante por evidenciar a ação de um indivíduo adicional na comunicação de Glover e Oldenburg, mas não pudemos encontrar informações extras sobre Philip Hampton que nos permitissem determinar seu papel.

[19] "Richard Glover III the immigrant". In: *FamilySearch*. Disponível em: https://ancestors.familysearch.org/en/L23D-H3D/richard-glover-iii--the-emigrant-1611-1684. Acesso em: 3 de setembro de 2025.

[20] "Paper, 'Of Virginia' by Thomas Glover". In: *The Royal Society*. Disponível em: https://makingscience.royalsociety.org/items/clp_7i_18/paper-of-virginia-by-thomas-glover. Acesso em 3 de setembro de 2025.

Notas sobre a tradução

Traduzir um documento em inglês moderno para a língua portuguesa apresenta diversos desafios, tanto na escolha lexical quanto na ordenação estrutural do texto, sobretudo no que se refere à pontuação. Daremos aqui algumas explicações breves sobre as escolhas feitas ao longo do caminho da tradução, a fim de explicitar e justificar determinadas decisões, feitas com o intuito de propiciar uma compreensão clara do texto em sua transição para o universo lusófono.

Tratando-se de um documento da Virgínia colonial — região ainda jovem, com o assentamento de Jamestown possuindo apenas 69 anos na data de publicação do item de Glover —, a nomenclatura de múltiplas localidades geográficas ainda não estava determinada, com nomes de regiões, montanhas e nações tendo sua grafia alterada diversas vezes ao longo de um mesmo documento. Para deixar isso evidente para o leitor, optamos por manter tal irregularidade da língua inglesa do período, evitando sinônimos contemporâneos tanto em português quanto em inglês, *e. g.,* Apalaches/*Appalachian.* Nomes de indivíduos também não foram traduzidos e, quando irregulares, como a escrita de "Will. Bartles"/"Will. Bartlet" ou "Lorde Baltamore"/"Lorde Baltimores" foram mantidos por não interferirem na compreensão do texto e constituírem evidência das variáveis da língua original.

Para um documento cujo objetivo é explicitar a fauna e flora virginiana, um dos maiores desafios da tradução, e que gera mais perdas do texto original, é a busca por equivalentes do mundo animal e vegetal na língua portuguesa. Nesses casos, a nomenclatura também não estava estabelecida e, na época, mesmo na língua inglesa, seus nomes sofreram alterações com o passar dos anos. Em virtude disso, tivemos que nos limitar ao uso de equivalentes no português contemporâneo.

Um ótimo exemplo dessa perda pode ser encontrado logo no início do texto, com a referência ao membro da família dos esparídeos, o sargo-de-dentes, cujo nome em inglês, *sheepshead* — junção dos termos *sheep* [ovelha] e *head* [cabeça], em virtude dos olhos do peixe e seus dentes lembrarem o observador de uma ovelha —, traz um vislumbre sobre como as formas de assimilação de um novo mundo natural ocorriam na língua inglesa da época. Tal prática de composição lexical já havia sido exaltada pelo antiquário e

tradutor inglês Richard Carew (1555-1620), por gerar uma nova palavra com um profundo sentido metafórico[21].

Outro caso similar foi na opção pela tradução de nomes do mundo animal cujo significado estivesse na substantivação de um verbo referente ao ato ou característica intrínseca de um animal, como a tradução de *crokers* — *croakers* no inglês contemporâneo, advindo da substantivação do verbo *to croake* [coaxar] — para "coaxadores", uma vez que o nome faz referência a um gênero de peixes cujo som emitido é similar a um coaxar, ou, também, no caso da tradução de *shield-fowl* — palavra em desuso na contemporaneidade, sendo a junção dos termos *shield* [escudo] e *fowl* [aves] — para "aves de escudo frontal", característica, por exemplo, de membros da família dos ralídeos. Dessa forma, em algumas instâncias, um raciocínio similar de interpretação da vida selvagem pode também ser mantido na língua portuguesa, privilegiando, assim, uma melhor compreensão textual.

Em alguns casos, todavia, fomos impossibilitados de encontrar terminologias similares em português — fosse por completa inexistência do termo ou fosse pela impossibilidade de sentido direto ao ser traduzido —, portanto, mantivemos o termo original e, a fim de facilitar o trabalho do leitor, adicionamos, entre colchetes, quando possível, a espécie, ou, caso a terminologia inglesa fosse de teor generalizante, o gênero e/ou família da planta ou animal referenciado, para que possa ser mais facilmente encontrado.

Outro exemplo de momentos em que optamos por manter o nome original pode ser visto em terminologias referentes a nomes próprios de alguns membros do mundo vegetal cujos similares são inexistentes, vide os múltiplos nomes de maçãs, antigas variedades de ameixas e nomes obsoletos para algumas árvores. Sempre que possível, adicionamos alguma indicação, em rodapé ou colchetes, para auxiliar a compreensão textual, porém, para alguns termos, não pudemos encontrar equivalentes na língua inglesa contemporânea, sendo, assim, demarcados com "[?]".

Quanto à ordenação da pontuação, optamos por um comprometimento com o raciocínio fraseológico da época e sua compreensão no português contemporâneo. Como apontado por T. J. Brown[22], a problemática da pontuação na língua inglesa entre os

[21] Richard W. Bailey. *Images of English: a cultural history of the language.* New York: Cambridge University Press, 1992.
[22] T. Julian Brown. "Punctuation". In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/punctuation. Acesso em 12 de junho 2025.

séculos XVI e XVIII era sua tendência a ser ilocucionária em vez de sintática, ou seja, o objetivo da pontuação dentro de um texto era explicitar, ao máximo, o intento e a cadência da própria fala do escritor. Algumas obras, com o intuito de regulamentar a gramática inglesa e sua pontuação, foram publicadas no século XVII, como a *English Grammar*, do dramaturgo Ben Jonson (1572-1637), e *Essays*, do filósofo Francis Bacon (1561-1626); todavia, a pontuação continuaria majoritariamente irregular — fosse pelo excesso de uso, fosse pela escassez — até os finais do século XIX[23].

Para que o leitor compreenda o trabalho de tradução, devemos discutir os usos peculiares da pontuação no inglês moderno. No documento de Glover, deparamo-nos com pontuações familiares, como vírgulas, ponto e vírgula, ponto final e parênteses. Vírgulas, em virtude das diferenças gramaticais das línguas, foram necessariamente alteradas para demarcar subordinações nas orações, enquanto os parênteses mantiveram sua utilidade aditiva de informações no texto. Contudo, a maior problemática advém do uso de ponto e vírgula em documentos do período, pois era usado indiscriminadamente com a função de pôr fim a uma frase, ou seja, a mesma função de um ponto final.

Dessa forma, tendo em vista as regras gramaticais do uso de ponto e vírgula na língua portuguesa contemporânea, o mantivemos no texto sempre que gramaticalmente possível, por mais que causasse estranheza, mas não dificuldade, na leitura do documento. Outro item que talvez chame a atenção do leitor é o uso de itálicos, na época utilizados para dar destaque a uma palavra, normalmente referente a uma nacionalidade ou lugar. Com o objetivo de manter os termos de destaque da obra original, uma vez que possibilitam compreender os objetivos do escritor e o que desejava explicitar, o itálico permaneceu nos termos em que foi utilizado.

Referências

BAILEY, Richard W. *Images of English: a cultural history of the language.* Nova Iorque: Cambridge University Press, 1992.

BROWN, T. Julian. "Punctuation". In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/punctuation. Acesso em 12 de junho 2025.

CHISHOLM, Hugh. *Hogshead*. 11. ed. Cambridge University Press: Encyclopædia Britannica, ano. v. 13.

D'AMORE, Manuela. "At the root of learned travel: new science, the 'other' and imperialism in the early philosophical transactions". *Critical Survey*, 29 (2017),

[23] T. Julian Brown. "Punctuation", *op. cit.*

pp. 58-75. Disponível em: https://doi.org/10.3167/cs.2017.290204. Acesso em: 1 setembro de 2025.
"Dram". In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: https://www.britannica.com/science/dram. Acesso em 12 de junho 2025.
"Bushel". In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: https://www.britannica.com/. Acesso em 12 de junho de 2025.
FYFE, Aileen; MOXHAM, Noah. "The first Philosophical Transactions, 1665-1677". In: FYFE, Aileen; MOXHAM, Noah; MCDOUGALL-WATERS, Julie; RØSTIVIK, Camilla Mørk. *A history of scientific journals: publishing at the Royal Society, 1665-2015*. London: UCL Press, 2022, pp.19-50.
GLOVER, Thomas. "An account of Virginia, its scituation, temperature, productions, Inhabitants, and their manner of planting and ordering tobacco &c. communicated by Mr Thomas Glover, an ingenious chirurgion that hath lived some years in that country". *Philosophical Transactions/Royal Society*, 11, (1676), pp. 623–636. Disponível em: http://doi.org/10.1098/rstl.1676.0017. Acesso em 1 de setembro de 2025.
MALTBY, William S. *The black legend in England: the development of anti-Spanish sentiment, 1558-1660.* Durham: Duke University Press, 1971.
"Paper, 'Of Virginia' by Thomas Glover". In: *The Royal Society*. Disponível em: https://makingscience.royalsociety.org/items/clp_7i_18/paper-of-virginia-by-thomas-glover. Acesso em 3 de setembro de 2025.
"Richard Glover III the immigrant". In: *FamilySearch*. Disponível em: https://ancestors.familysearch.org/en/L23D-H3D/richard-glover-iii--the-emigrant-1611-1684. Acesso em: 3 de setembro de 2025.
SURANYI, Anna. *The genius of the English Nation: travel writing and national identity in early modern England.* Cranbury: Associated University Presses, 2008.
"Wheat-Plum". In: *Oxford English Dictionary*. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/wheat-plum_n. Acesso em 12 de junho de 2025.

Recebido em 13 de junho de 2025.
Aprovado em 29 de agosto de 2025.

Tradução

Thomas Glover. "An account of Virginia, its scituation, temperature, productions, Inhabitants, and their manner of planting and ordering tobacco &c. communicated by Mr. Thomas Glover, an ingenious chirurgion that hath lived some years in that country". *Philosophical Transactions/ Royal Society*, 11 (1676), pp. 623–636.

[p.623] *Um relato da* Virgínia, *sua situação, clima, produções, habitantes e suas maneiras de plantar e dispor o tabaco, &c. comunicado pelo Sr.* Thomas Glover, *um genial cirurgião que lá viveu por alguns anos.*

A Virgínia, parte do continente americano, encontra-se a mil léguas do Cabo Lizard na Inglaterra, contida a leste pelo oceano, a oeste pelas montanhas *Appal-lean*, ao norte pela Baía e pelo Rio *Delaware* e ao sul pelo Rio *Roanock*; esta terra encontra-se em uma baía chamada de *Chesepeek*. A entrada, que fica em direção ao oeste, possui seis léguas de comprimento e vai até as terras nortenhas e a Leste por cem léguas, mantendo o comprimento por boa parte do caminho, mas estreitando-se pela metade em direção à nascente. A água no canal tem, em sua maioria, sete braças de profundidade, mas em alguns lugares não passa de cinco braças. O cabo mais ao sul dessa baía está a 37 graus e alguns minutos de latitude norte e, [p.624] dentro dessa medida, há muitas pequenas ilhas, onde se encontram algumas plantações.

Nessa baía encontram-se grandes e aprazíveis rios, e acredito que nenhuma outra terra do mesmo tamanho no mundo possua rios similares. O mais proeminente deles é o Rio *James*, *York, Rapa-hannock, Poto-mack*, *Potuxen* e *Choptanck*; os quatro últimos mantiveram seus nomes *índios*. Próximo à nascente da baía há três grandes rios, um chamado *Sus-ca-hannah*, levando o nome de uma nação *índia* que vive em suas fronteiras; o nome dos outros dois não me recordo bem. Além desses, há duas vezes mais rios navegáveis, mas em virtude de não percorrerem mais de trinta ou quarenta milhas, não exibirei seus nomes. *Potomack,* o maior de todos, tem, em sua foz, dez milhas de largura, mantendo essa distância por vinte milhas rio acima, de onde passa a ter seis milhas, continuando nessa largura por mais trinta milhas, e seu comprimento é de duzentas milhas. Esse rio encontra-se no meio da baía e divide os governos de

Lorde de *Baltamore* e do Sr. *Will. Bartles;* os outros rios, cujos nomes foram ditos, possuem, em sua maioria, duas léguas de comprimento na foz e, alguns, cento e cinquenta, outros cento e vinte milhas de comprimento.

As *marés* mal podem ser discernidas quando o vento sopra do Noroeste, mas em outros momentos fluem assim como na *Inglaterra*, não sendo, entretanto, tão grandes; talvez a razão seja porque as marés se espalham por muitos e espaçosos rios. Também não são carentes, em relação à baía e aos rios, de profundidade suficiente pela ação da maré, podendo receber o maior navio do mundo; é útil, contudo, trazer pequenas embarcações, quando os ventos são contrários.

[p.625] Nos rios há farto estoque de uma variedade de peixes miúdos, um deles, chamado pelos ingleses de sargo-de-dentes, em virtude da semelhança de seus olhos com os de uma ovelha. Esse peixe tem, comumente, entre quinze e dezesseis polegadas de comprimento e meio pé de largura; é um peixe salutar e aprazível e de fácil digestão. Um agricultor frequentemente pesca uma dúzia ou catorze deles em uma hora com um anzol e linha.

Há uma outra variedade que os ingleses chamam de *Drum* [sp. *Aplodinotus grunniens*], muitos dos quais têm dois pés e meio ou três pés de comprimento. Esse é também um excelente peixe, sendo muito abundante. Na cabeça desse peixe há uma gelatina que, sendo retirada e secada ao sol, depois moída a pó para então poder ser usada em caldos, auxilia em um rápido parto nas mulheres.

Nas fozes dos rios há *esturjões* e, em córregos, grandes quantidades de *percas*, coaxadores [gen. *Sciaenidae*], *anchovas, enguias* e outros com diversos nomes que desconheço. Aqui há tanta abundância de *ostras* que se pode encher navios com elas. Na foz do Rio *Elizabeth,* quando a maré está baixa, elas aparecem sobre as pedras a um pé acima da água. Há também lugares com fartura de *mexilhões* e *berbigões;* há também um peixe chamado *arraia,* que muito lembra uma raja, mas em um dos lados de sua cauda cresce um afiado osso como um punhal, com quatro ou cinco polegadas de comprimento, com o qual atinge outros peixes para predá-los.

E agora insiro um relato que vem à minha mente, de um estranho e grande peixe, ou melhor, um monstro que vi no rio *Rapa-han-nock,* aproximadamente um ano após ter chegado à região. Assim ocorreu:

Enquanto descia o rio mencionado em uma chalupa em direção à baía, as águas estavam calmas, momento no qual estávamos a

apenas três léguas de distância da foz; a maré sendo nula, o homem da chalupa ancorou e ele e seu menino foram em uma pequena embarcação pertencente à chalupa em direção à margem para buscar água, deixando-me sozinho no barco, momento no qual tirei um pequeno livro de meu bolso e, sentado na popa, comecei a ler. Mas não li por muito tempo, pois ouvi um grande turbilhão na água, o que me fez olhar bruscamente e, próximo a mim, emergiu uma prodigiosa criatura, muito semelhante a um homem, porém um pouco maior, parada sobre as águas com sua cabeça, pescoço, ombros, peito e cintura, até os cotovelos de seus braços, para fora da água; sua pele era morena, semelhante à de um *índio*; o formato de sua cabeça era piramidal e lisa, sem cabelos, seus olhos eram grandes e negros, assim como suas sobrancelhas, sua boca larga, com um grande e negro risco em seu lábio superior, que se retorciam para cima como bigodes. Sua aparência era sinistra e terrível, seu pescoço, ombros, braços, peito e cintura semelhantes aos de um homem, suas mãos, se é que ele as tinha, estavam submersas; ele parecia erguer-se com seus olhos fixos em mim por um tempo, depois voltando a submergir e, pouco depois, emergiu um pouco mais distante, virando sua cabeça em minha direção novamente e, imediatamente, afundando nas águas e nadando tão próximo à superfície que pude discernir o movimento de seus braços, similar ao de um homem quando nada. Finalmente ele mergulhou sua cabeça e elevou sua cauda acima do nível d'água, que [p.626] lembrava exatamente a cauda de um peixe, com um amplo leque na extremidade.

Na baía e nos rios há grande quantidade de aves e, no inverno, alguns lugares são cobertos por até duas milhas com elas; os principais, que são selvagens, são *cisnes* e *gansos, cormorões, gansos-de-cara-preta, aves de escudo frontal, patos e marrecos, marrequinhas* e *pombos* e muitos outros.

Similarmente, encontram-se nos rios *castores* e *lontras;* os castores têm dentes tão afiados e fortes que roem árvores, com as quais constroem barragens de margem a margem, chegando a servir de pontes em alguns lugares.

As nascentes desses rios surgem nas encostas das montanhas *Appa-lean,* mas as cataratas ou cachoeiras dos rios estão a sessenta ou setenta milhas de distância das montanhas.

Essas montanhas começam ao norte, no lago do *Canada,* e circundam a região a sudoeste, próximo ao lago *Usherre* [p.627], que fica a umas cem léguas.

Houve um Coronel *Catlet* que era excelente matemático que, junto de outros cavalheiros, empreendeu uma jornada a fim de fazer novas descobertas na região a Oeste e, chegando ao sopé das montanhas cedo pela manhã, deixaram seus cavalos e prosseguiram para conquistar o topo das montanhas, algo que conseguiram próximo às quatro da tarde, e então, olhando para o horizonte, descobriram outras montanhas, as quais mensuraram em altura e julgaram-nas inacessíveis; isso os desencorajou de novas investidas, seus objetivos sendo, majoritariamente, a descoberta de se havia ou não rios que corriam em direção ao oceano ao Sul.

Há cinco anos, houve um cirurgião alemão comissionado pelo Sr. *William Bartlet* para viajar até o Sudoeste da *Virgínia* e desbravar aquelas partes: ele foi até o sopé das montanhas próximas ao lago *Usherre* e descobriu-as transponíveis em dois locais, e proveu relato de que, quando estava em uma cidade *índia* adjacente às montanhas, vieram outros índios emissários do rei daquela cidade, enviados por um rei que vivia do outro lado das montanhas; esses foram todos enforcados, barbarismo que muito atribulou o cirurgião, temendo similar crueldade para consigo. Mas eles provaram-se mais civilizados para com ele, permitindo que partisse em segurança.

Ao retornar, trouxe consigo uma *esmeralda* e algumas moedas *espanholas*, dizendo que as obteve dos nativos que viviam próximos ao lago *Usherre*, algo que fez com que alguns pensassem que os *espanhóis* estivessem assentados do outro lado das montanhas.

Tendo, até o presente momento, discursado sobre a baía, os rios e as montanhas, devo deixar algumas observações sobre a terra; primeiramente, dos litorais, que ao longo de toda a baía e dos rios são, majoritariamente, arenosos, mas em alguns pontos há cascalho: mas essa terra possui poucas pedras, e as que existem são quase todas duras e transparentes. Eu mesmo peguei diversas pedras que seriam capazes de cortar vidro tão bem quanto qualquer diamante. O Sr. *Henry Chichely* tinha uma pedra, conseguida nas margens do rio, que foi posta em um anel, cujo valor foi tido em quinze libras, e eu muito acredito que há algumas pedras coletadas lá que devem passar os preços de diamantes, pois vi diversos anéis de pedras da *Virgínia* que, pelo meu julgamento, igualavam-se ao esplendor de um diamante.

Os afluentes de todos os rios são cheios de *minério de ferro* e, em alguns lugares da região, vi exemplares dele a mais de um pé acima da terra; geralmente, todas as terras altas são meras pedras de ferro, dado cuja consideração, unida à infinitude de árvores,

causou-me espanto suficiente para questionar por que os habitantes não se esforçaram para desenvolver essa vantagem posta por Deus e pela natureza em suas mãos, para trabalharem esse minério; mas responderam-me que fornalhas para o trabalho do ferro custariam três mil libras e que, por ser a região muito pobre, desencorajaram-se de tal empreitada em razão dos custos. Acredito que a verdadeira razão seja que, estando tão atentos às suas plantações de tabaco, negligenciam todo e qualquer outro desenvolvimento mais nobre do qual a região é capaz, que, sem dúvidas, há muitas possibilidades. Para o plantio de tabaco, encontram grande incentivo na *Inglaterra,* em razão da grande receita que traz para o tesouro.

Eles distinguem seus solos de três formas, *viz.,* alto, baixo e pantanoso; todos possuem um pouco de areia em sua composição, fazendo com que seus solos sejam mais quentes do que os nossos na *Inglaterra.* Suas terras altas são, em sua maioria, arenosas, mas são capazes de gerar boas colheitas de tabaco, mas não por tanto tempo quanto as terras baixas, que são muito ricas, sendo compostas por um húmus negro a uma profundidade de um pé ou um pouco mais, sendo capazes de se manter ricas por sete ou oito colheitas sucessivas sem a necessidade de adubação. Seus brejos têm junças extensas como as nossas, as quais eles ainda não se dispuseram a melhorar. Suas terras, em geral, são boas e férteis como as da *Inglaterra;* quando a força de seus solos [p.628] se esgota, nunca a adubam para revigorá-la, mas deixam-na virar pasto para os rebanhos de qualquer homem e abrem terras aráveis na floresta para plantar.

Quanto às *madeiras* dessa região, há diversas; quatro e mais variedades de *carvalho*, muito altas e regulares. Há também outra madeira, chamada *Hickery* [gen. *Carya, Hickory* no inglês contemporâneo], que é mais dura que qualquer carvalho. Há também grandes álamos e algumas partes da região têm boa quantidade de *pinheiros*, aptos para a construção de mastros para navios. Similarmente, há nogueiras, cipós, cedro, *Dogwood* [gen. *Cornus*], freixos, *Gum-tree* [?], *Locust* [gen*. Gleditsia* ou *Robinia*], castanheiras, aveleiras, sassafrás, azevinho, sabugueiros e diversas outras.

Quanto às árvores frutíferas da região, há abundância, pois poucos são os fazendeiros que não possuem um belo pomar, alguns deles têm mais de mil e duzentas árvores, produzindo todo tipo de maçãs *inglesas*, como *Pear-mains, Pippins, Russetens, Costards,*

Marigolds, Kings-apples, Magitens, Eatchelours e muitas outras, com as quais fazem grande provisão de sidra.

Da mesma maneira, há grandes *pomares de pêssegos,* cujos frutos são tão numerosos que algumas fazendas destinam aos porcos mais de quarenta *bushels*[24] por ano.

Aqui também há grande quantidade de *marmeleiros*, que são maiores e mais belos do que os da *Inglaterra*, mas não tão desagradáveis em sabor; do líquido desses frutos, eles também fazem suco de marmelo.

Igualmente, encontram-se *damascos* e algumas variedades de *ameixas inglesas*, mas essas não amadurecem tão bem quanto na *Inglaterra.*

Há alguns tipos de *peras*, mas em poucas plantações; eu vi as variedades *Bergamy, Warden* e duas outras, tão belas, grandes e deliciosas quanto as da *Inglaterra.*

Aqui crescem figos tão bons quanto os da *Espanha*, mas poucos são plantados até o presente momento.

Aqueles que tomaram as dores de plantar *groselhas* as têm, mas nunca vi nenhuma de nossas *groselhas-negras inglesas* aqui, apesar de existirem em regiões mais ao norte.

Quase me esqueço de mencionar suas *amoreiras*, das quais há grande quantidade em suas casas; foram plantadas, inicialmente, para alimentar bichos-da-seda, mas tendo falhado nesse objetivo, têm agora pouco uso para as amoreiras.

O mais medíocre dos fazendeiros tem grandes provisões de *cerejas*, que se encontram por toda a *Virgínia,* tão numerosas quanto em *Kent.* As cerejeiras crescem mais do que na *Inglaterra* e também são mais produtivas sem a necessidade de cavar ao seu redor ou de podá-las.

[p.629] Lá cresce, em alguns lugares da floresta, uma ameixa semelhante à nossa *Wheat-Plum*[25], mas muito melhor, sendo mais suculenta.

---

[24] Medida muito utilizada para mensurar grãos e outras *commodities* secas, mas também com a possibilidade de ser usada para líquidos. Não podemos dar uma medida aproximada, pois, desde o século XIII, na Inglaterra, o *bushel* muito se alterava em suas quantias de região para região, sendo formalizado apenas em 1824, com a medida de, aproximadamente, 36 litros. "Bushel"*.* In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: https://www.britannica.com/science/bushel. Acesso em 12 de junho de 2025.

[25] Antiga terminologia usada para designar uma variedade de ameixa que amadurecia durante o tempo da colheita de trigo, por isso a união dos termos *wheat* [trigo] e *plum* [ameixa]. "Wheat-Plum". In: *Oxford English Dictionary*. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/wheat-plum_n. Acesso em 12 de junho de 2025.

Na floresta há uma abundância de *videiras*, que se enroscam ao redor dos carvalhos e dos álamos, indo até seu topo; elas produzem um tipo de *uvas Claret,** <[À margem direita] *Essas videiras são muito grandes> e alguns dos fazendeiros usam-nas para fazer vinhos, os quais já provei; são uvas menores que as Claret *francesas*, mas suponho que, se uma dessas videiras fosse plantada em convenientes vinhedos, onde o Sol possa afetá-las mais graciosamente, e se cuidadas com diligência e frequente poda, poderiam produzir tão boas uvas quanto as Claret da França.

Há também um pequeno arbusto na floresta que produz uma baga similar às nossas de *sabugueiros,* muito agradável de se comer.

Recentemente mencionei a castanheira, nogueira e aveleira; todas produzem muitas castanhas e, além dessas, há outra chamada *Chincopine*, semelhante a uma aveleira, com sua casca enterrada, mas muito menos.

Seus jardins têm todo tipo de ervas *inglesas* e saladas, tendo *repolhos*, *Colworts* [sp. *Cambre cordifolia*], *couves-flores, chirívias, nabos, cenouras, batatas* e *inhames*; e tantas ervas silvestres quanto na *Inglaterra,* e as que não crescem ali, eles plantam, como *absinto*, *amargosa*, *Houseleek* [gen. *Sempervivum*], *cardo-santo, arruda, coentro, helénio* e outras.

Também possuem, similarmente, em seus jardins, *rosas*, cravos e uma variedade de outros tipos de flores.

Cresce pela floresta plantas de toda sorte, *cata-cuz*, *Bur-Dock* [gen. *Arctium*], *selo-de-salomão, agrimónia, agave*, *Scabious* [gen. *Scabiosa*], *cardo-morto, sabugueiro-anão, mil-folhas, beldroega* e a melhor *avenca* que já vi. Nas encostas das colinas cresce gengibre-selvagem e, próximo à baía, *soldanella* ou *sea-scurvygrass* [gen. *Cochlearia*] são numerosas.

Aqui cresce a *Radix Serpentaria Nigra* [serpentária], que foi tão usada na última grande peste que o preço chegou de dez xelins a três libras esterlinas pela libra. Aqui também há uma erva que alguns chamam de *ditamno*, outros *pepperwort* [gen. *Lepidium*]; não se trata de *ditamno de Cadia*, nem do *ditamno inglês;* cresce até um pé ou um pé e meio de altura, e as folhas têm a largura de um grão, tendo formato de coração e com curto caule e ramificações diametralmente opostas umas às outras; tem um aroma de pimenta e provoca ardência na língua. A água dessa planta, ao ser destilada em um alambique, é uma das melhores coisas que conheço para tirar vermes do corpo, e uma onça fluida dessa água causa muito suor.

[p.630] Aqui crescem duas raízes, que alguns médicos julgam uma ser *Turbith* [?] e a outra *Mechoacan* [?], mas se eles estão certos ou não, não posso dizer. Ambas as raízes são purgantes, usadas similarmente a outras que podemos encontrar nos apotecários, porém um pouco mais fortes, talvez porque as obtemos mais frescas e suculentas.

Aqui cresce uma planta de um pé e meio até dois pés de altura, com folhas rugosas como as de uma folha de borragem, porém mais longas e não com mais de dois dedos de largura; crescem folhas próximas ao caule, nas quais encontram-se bagas maduras e amarelas: os *ingleses* chamam-na de *Fever* ou *Ague-root.* Essa raiz, ao ser retirada do solo e infusionada em um dram[26] e meio de cerveja ou água por doze horas, purgará o corpo com violência, mas já usei um dram e meio dela em pó e apenas provocou suor moderado. É um pouco amarga em sabor e, por isso, um tanto picante.

Há grande número de ervas, cujos nomes, natureza, virtudes e usos são ainda desconhecidos para nós na *Europa.* Nem houve *médicos* naquelas partes que se deram ao trabalho de estudá-las, mas se suas utilidades fossem compreendidas, provar-se-iam benéficas adições para a *Materia Medica.*

Tendo descrito as plantas, darei relato de seus rebanhos de *gado*, que são muito mais numerosos que os nossos, considerando a quantidade de pessoas, e que poderiam ser ainda maiores se os habitantes fossem cuidadosos para com eles e os alimentassem no inverno como fazem na *Inglaterra.* Tudo o que dão para seus rebanhos durante o inverno são cascas de milho *índio,* a não ser que algum deles tenha um pouco de feno; usualmente, não provêm mais alimento do que o necessário para mantê-los vivos, uma vez que muitos aventuram-se nos brejos e pântanos para conseguir comida e acabam mortos.

Eles têm muitos cavalos e são tão bons quanto os que temos na *Inglaterra.*

Quanto às suas *ovelhas*, há poucas, pois os colonos são desencorajados pelos lobos presentes em toda a região, que causam grandes perdas nos rebanhos.

---

[26] Medida proveniente do antigo sistema de medidas dos boticários, sendo referente tanto a massa quanto a líquidos, cujo nome advém da antiga moeda grega dracma. No sistema métrico, traduz-se para aproximadamente 4 gramas. "Dram". In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: https://www.britannica.com/science/dram. Acesso em 12 de junho 2025.

Nas florestas há muitos *cervos* e alguns *coelhos*, que geralmente são confundidos com lebres.

Há também diversos tipos de bestas vorazes, como *lobos, guaxinins, grandes felinos, saruês, Monacks* [?], *esquilos-voadores,* este com dois tipos; [p.631] ao norte da região há alguns *ursos.*

Aves que vivem na floresta são *perus* selvagens, *urubus-de-cabeça-vermelha*, *rolas, perdizes, gaviões* e outros tipos, com muitos menos dignos de nota.

Há também uma diversidade de pequenos pássaros, sendo os *tordos-imitadores,* os *cardeais-nortenhos* e os *beija-flores* os mais notáveis; o primeiro, pela sua variedade e doçura de cantos, o segundo, pela sua cor, e o terceiro, pela pequenez de seu corpo. Quanto ao *tordo-imitador,* além de seu canto natural, que são variados e agradáveis, ele imita o de outros pássaros da floresta, daí seu nome; ele canta não somente de dia, mas também pela noite, nos topos das chaminés; ele é estranhamente errático em seu voo, algumas vezes flutuando no ar com a cabeça baixa e a cauda para cima e, outras vezes, com a cabeça para cima e a cauda para baixo; se domesticado, é muito dócil. O *cardeal-nortenho,* como indiquei, tem seu nome derivado de sua cor, sendo todo de um vermelho sanguíneo. O *beija-flor*[27] tem seu nome derivado do barulho que faz ao voar, possui diversas cores e não é muito maior que uma vespa e, mesmo assim, tem todos os membros de um pássaro comum.

Há quatro ou cinco tipos de *cobras,* entre elas a *cascavel* é a mais notável, tendo o tamanho da perna de um homem e, em sua maioria, uma jarda e meia de comprimento; ela tem um chocalho na ponta de sua cauda, com o qual faz um barulho quando qualquer coisa se aproxima, o que parece ser uma benção peculiar de Deus para avisar as pessoas do perigo, pois essa criatura é tão venenosa que sua picada causa consequências graves, a não ser que, rapidamente, use-se um antídoto, do qual falarei depois aqui. Há também longas *cobras negras* e pequenas e grossas *cobras negras,* esta última às vezes pica as vacas, fazendo com que haja sangue no leite produzido. Há outro tipo chamado *cobra-do-milho*, por geralmente ser encontrada nos milharais; possui um tamanho similar ao da *cascavel*. Há também outros muitos tipos de *cobras terrestres*,

[27] Aqui vemos nomes derivados de diferentes características da mesma ave, por isso a estranheza na tradução. Na língua portuguesa, as aves da família dos troquilídeos são, em sua maioria, nomeadas a partir de uma variação do termo "beija-flor", em razão de sua alimentação quase exclusiva de pólen. Na língua inglesa, o nome deriva do som produzido pelo voo dessa ave, como um zumbido, por isso *humming* [zumbir] *bird* [pássaro].

todos sendo mais ou menos venenosos; além disso, há também muitas *cobras aquáticas,* que vivem em nascentes e rios

Sobre os índios

Os *índios* geralmente têm boa estatura, sendo altos, mas não corpulentos; seus cabelos são pretos, comumente deixados soltos, seus olhos são negros e sua pele morena, beirando o negro. Eles vivem juntos em cidades, e cada uma delas está sob o domínio de um dos seus muitos reis. Quando os primeiros *ingleses* [p.632] chegaram, suas diversas cidades tinham entre dois ou três mil guerreiros nelas, mas, agora, na maioria das partes sul da *Virgínia*, a maior cidade índia tem no máximo quinhentos habitantes; muitas cidades mal têm mais de sessenta guerreiros, e em uma delas não passa de vinte, e eles estão tão escassos nas mencionadas partes ao Sul que piamente creio que não deve haver mais de três mil deles em todo o território de Sir *Will. Bartlet;* mas nos territórios de Lorde de *Baltimores*, na foz da baía, onde os ingleses estão há menos tempo, eles são mais numerosos, ainda havendo algumas cidades com mais de três mil *índios*. Mas estando eles em contínuas guerras entre si, provavelmente logo serão reduzidos a números tão ínfimos quanto os outros.

Em vez de roupas, eles usam peles de *cervo* amarradas no meio e uma sobre seus ombros e, para sapatos, eles usam pedaços de peles de *cervo* amarrados aos pés.

Suas habitações são cabanas, entre nove e dez pés de altura, que são feitas assim: ficam seis varas no chão e amarram juntas as pontas do topo, as laterais dessas varas são cobertas com cascas de árvores para protegê-los das injúrias do tempo, mas deixam um buraco no topo e no meio da cabana para que a fumaça possa escapar; ao redor do interior da cabana há bancos moldados a partir da terra, que servem como cadeiras e camas; eles não têm quaisquer utensílios domésticos além de potes de argila, cumbucas de madeira e finos tapetes para se deitar, todos os quais são produzidos por eles mesmos.

Sua alimentação é de milho *índio,* carne de caça, perus selvagens, ostras e todo tipo de peixe que os rios possuem, além de toda sorte de bestas selvagens da floresta.

Eles estão proibidos pelos ingleses de manter vacas, ovelhas e porcos, a menos que queiram desafiá-los.

Eles costumavam pescar seus peixes de maneira estranha antes da vinda dos ingleses, que era assim: na ponta de suas *canoas*, eles fixavam uma tocha, com a qual, no escuro da noite, faziam

fogaréus com galhos de *pinheiros* para acendê-las, então remavam suas *canoas* ao longo das margens em águas rasas; os peixes, vendo a luz, vinham numerosos nadando juntos à ponta das *canoas*, então, com galhos de pontas afiadas, eles os acertavam e os punham dentro da *canoa*. Mas agora eles aprenderam com os [p.633] *ingleses* a pegar peixes com anzol e linha e, algumas vezes, os *ingleses* pescam à maneira deles, mas acertam os peixes com um instrumento de ferro, como espetos.

Quanto às suas crenças, pouco sei; seus clérigos geralmente são tidos como bruxos, pois, quando estão necessitados de chuva, um de seus bruxos vai para uma cabana solitária e, pelas suas invocações, provoca uma abundância de chuva imediatamente, algo que eles chamam de fazer chuva.

Eles fazem oferendas de tudo o que seja o primeiro, o primeiro *cervo* que matam, quando é a estação, eles deixam a cabeça escondida em uma árvore próxima de onde o mataram, e dizem que nenhuma boa sorte cairá sobre eles se não oferecerem o primeiro de todas as coisas.

Eles queimam os corpos de seus mortos e costuram tapetes com as cinzas, que eles deixam próximos às cabines de seus parentes.

Alguns deles dizem que o Deus dos *ingleses* é um deus bondoso e dá a eles boas coisas, mas o deus *deles* é um deus furioso, que frequentemente os maltrata.

Quase todas as cidades divergem em seus idiomas, e mesmo assim nenhum deles é rico, como pode ser visto pelo frequente uso de sinais entre eles para explicarem coisas uns aos outros.

Seu dinheiro é de dois tipos, um feito com uma espécie de concha branca que, sendo dividida em diversas partes, eles a põem em um fio como se faz com contas, e a isso chamam de *Peacke.* O outro é feito com conchas maiores, perpassadas da mesma maneira, que chamam de *Rounda;* este último tipo é de menor valor, com meia jarda valendo o mesmo que nove centavos. O chefe dos *índios* veste alguns desses fios atrelados às peles de *cervo*, como uma forma de laço.

Não possuem nada comerciável além de peles de *cervo* e algumas de *castor*, que eles trocam por armas *inglesas*, pólvora, munição e conhaque, pois nunca tiveram nada além de arcos e flechas, com os quais matam *cervos* e outras bestas selvagens.

Eles não têm nenhuma outra concepção de tempo que não seja as mudanças da Lua.

Seu inverno é, normalmente, em *novembro, dezembro* e *janeiro.*

Eles são muito vingativos, pois, caso qualquer um deles seja morto, alguns dos parentes da pessoa morta irão matar o assassino ou algum membro de sua família, mesmo que duas ou três gerações depois; eles não têm outra concepção de justiça além do que indivíduos particulares podem fazer, se é que isso pode ser chamado de justiça.

[p.634] Os *índios*, sendo um tipo rudimentar de gente, não usam sua curiosidade no preparo de suas medicinas, mesmo assim, não são ignorantes da natureza e uso de plantas, mas não usam corretivos que possam ajudar em suas qualidades cismarentas e nauseantes. Eles pulverizam, espremem, infundem ou fervem seus remédios até que estejam bem fortes.

Suas maneiras mais comuns de curar suas indisposições internas são por meio de uma mistura, que é parcialmente expectorante e parcialmente sudorética; essa eles fazem com que os doentes a bebam, na quantidade de meio quartilho por vez, duas ou três vezes ao dia, mas nada dão que cure vômitos e outras indisposições, pois é mau presságio que o doente morrerá. Também nunca os vi realizar nenhum tipo de sangria.

Se possuem feridas, úlceras ou fraturas, têm o conhecimento de curá-las. Vi uma vez um *índio* cujo braço fora quebrado e, observando o lugar, constatei que os ossos foram regularmente reconstruídos sem protuberâncias, tão bem quanto qualquer cirurgião *inglês* poderia ter feito.

Todos os *índios* carregam um pó consigo, que usam para curar picadas de *cobras*, e quase em todas as cidades, esse pó tem uma constituição diferente, e cada composição é certamente efetiva no combate a venenos malignos. Nunca soubemos, também, de qualquer *índio* que tivesse sofrido muito com picadas, pois, em um dia, ele estava tão bem quanto sempre esteve antes de ser picado, enquanto alguns *ingleses*, por falta de rápido tratamento, perderam suas vidas.

Os *índios* são frequentemente perturbados por cólicas violentas, que muitas vezes provocam paralisia.

A maneira de plantar e dispor o tabaco

Em doze dias, eles começam a semear seus berçários de boa terra e, quando as plantas crescem até a largura de um xelim, eles as replantam nas colinas, pois, em suas plantações, fazem pequenos amontoados a quatro ou cinco pés de distância um do outro,

similarmente aos que fazemos nas plantações de lúpulo; esses amontoados, sendo feitos opostos às plantas, até que atinjam o tamanho dito (que é aproximadamente em *maio*), recebem, então, quando o clima está úmido, as plantas do berçário, que, depois, são diligentemente protegidas de ervas-daninhas. Quando a planta produz um número de folhas largas e nutridas suficientemente pelo solo, e que são julgadas comerciáveis, eles a defloram; se o solo for muito rico, [p.635] deixam que produza uma dúzia ou dezesseis folhas antes de a deflorar e, se for pobre, não mais que nove ou dez folhas e, assim, de acordo com a força do solo, a planta é deflorada e não crescerá mais; mas depois, ela produzirá brotos entre as folhas, que são arrancados uma vez por semana, até que a planta atinja a perfeição, que será em *agosto.* Então, em tempo seco, quando o vento sopra pouco, eles cortam o que está maduro, deixando-o no chão por horas, até que as folhas que antes sustinham-se fiquem caídas, sendo então levadas nos ombros até os armazéns de tabaco, onde os servos perfuram o caule de cada planta com uma estaca e a suspendem, estando próximas, mas mal se tocando, semelhante à forma que penduram arenque em *Yarmouth*; assim eles as penduram por cinco ou seis semanas, até que o caule da planta quebre ao ser torcido e então, quando o ar tiver umedecido a planta, arrancam as folhas do caule, amarram-nas em maços e as põem em Hogsheads[28] para transporte.

Algumas vezes, eles são forçados a semear suas colinas duas ou três vezes, em razão de um verme que come as raízes e, quando a planta está bem crescida, são danificadas por uma lagarta que devora as folhas, chamada *Horn-worm* [sp. *Manduca sexta*] (uma *Eruca* ou lagarta), que nasce sobre a folha; se essas lagartas não forem retiradas, elas podem estragar toda uma plantação.

No ano de 1667, em *agosto,* toda a *Virgínia* foi afetada por uma ventania ou tempestade, que continuou por três dias com uma violência nunca vista, soprando do leste com tanta ferocidade que metade das plantações de tabaco então de pé nos campos foram arrancadas e feitas em pedaços; as árvores nas florestas de toda a região foram derrubadas em inumerável quantidade. As águas da

[28] Um dos tamanhos de barris mais comuns da época, utilizados para transportar diversas *commodities*, como cerveja, vinho e tabaco, contendo, aproximadamente, 240 litros desde que seu estatuto foi definido por Ricardo III da Inglaterra em 1483. Alguns dicionários de língua inglesa reivindicam a originalidade plena da palavra no inglês, não oferecendo, assim, nenhuma explicação aprofundada sobre o termo e sua origem; por isso, optamos por não o traduzir. H. Chisholm. *Hogshead*. 11. ed. Cambridge University Press: Encyclopædia Britannica, 1910, v. 13.

baía em alguns lugares inundaram as florestas, e a maior parte do tabaco nos armazéns foi destruída, tanto que não houve um terço que pudesse ser salvo de um trabalho de dois anos.

As casas dos fazendeiros são construídas às margens dos rios pela conveniência de embarque: elas são feitas à maneira *inglesa*, preenchendo o interior das paredes com argamassa, feita de conchas queimadas de ostras e calcário. Eles têm água [p.636] boa e pura, que pegam somente das nascentes, que são tão numerosas na região que não há uma casa que não tenha uma próxima de sua porta.